

"O MENINO É O PAI DO HOMEM?" – DE BENTINHO A CASMURRO: MASCULINIDADES DESLIZANTES

Débora Maia de Freitas¹ (UNICENTRO)
Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira² (UNICENTRO)

Resumo: O trabalho traz à tona o debate sobre a formação da identidade masculina e das masculinidades que a compõem. Nesse intuito, recorreremos à análise da constituição identitária de Bento Santiago, personagem do livro Dom Casmurro, de autoria de Machado de Assis. Nosso trabalho irá focar a construção dessas masculinidades, bem como, as oscilações identitárias enfrentadas pelo personagem, durante o extenso processo de metamorfose que transformou Bentinho em Dom Casmurro.

Palavras-chave: Masculinidades; Identidade masculina; Dom Casmurro; Machado de Assis.

"Vamos ao capítulo"³ – Bentinho: hibridização e instabilidade identitária

O afastamento dos homens das discussões referentes ao gênero não impediu que o poder masculino ocupasse a posição de objeto central dos estudos feitos pelas mulheres nos primeiros anos dos Estudos de Gênero. Essas pesquisas iniciais tiveram a função de demonstrar o esquema binário de oposição e hierarquização no qual a

¹ Mestre em Letras (UNICENTRO). E-mail: deboramaiadefreitas@gmail.com.

² Pós-doutora em ciência da Literatura (UFRJ), Doutora em Letras (UNESP). Professora Associada da Universidade Estadual do Centro-Oeste-Guarapuava-PR (UNICENTRO). E-mail: ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br.

³ O título e os subtítulos do texto foram retirados da obra de Machado de Assis.

sociedade estava organizada (cultural X natural, social X biológico, racional X emocional, etc.) e que foi responsável por consolidar a concepção antagônica e reducionista de masculino *versus* feminino. A respeito desse assunto, no artigo “A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico”, Karen Giffin (2005: 48) afirma:

Durante anos os homens foram inseridos como objeto nos estudos segundo este modelo, frequentemente referido como ‘patriarcal’: racional, ativo no público, na produção da ciência e da cultura, provedor, sexualmente ‘irresponsável’, poderoso, universalizado na sua dominação, Homem com ‘H’ maiúsculo. O outro lado desta moeda é a Mulher: emotiva, voltada ao mundo privado da reprodução dos filhos, cuidando das relações de afeto, sexualmente passiva, dependente, obediente, universalizada na sua opressão. Na confrontação entre Homem e Mulher nas relações sociais, fossem na esfera doméstica ou no público, as vantagens todas, segundo os valores dominantes da sociedade individualista, competitiva e monetarizada, pareciam ser dos Homens.

De acordo com Sócrates Nolasco, na obra *O mito da masculinidade* (1995), depois de várias décadas em que o feminismo denunciou o homem como um “opressor tirânico” que procurou inviabilizar a ascensão profissional das mulheres e, ainda, tentou impedir que elas ultrapassassem as fronteiras do espaço doméstico e privado, finalmente, surgiu no horizonte um novo panorama: “Esta imagem de carrasco de um gênero sobre outro vem gradativamente perdendo espaço, e sendo substituída por uma reflexão também sobre a condição de vida dos homens” (Nolasco 1995: 132).

A masculinidade como objeto de estudo e de reflexão teórica no meio acadêmico brasileiro pode ser considerada uma perspectiva inovadora, uma vez que “ainda são raros os estudos na produção historiográfica brasileira sobre as masculinidades, deixando a impressão de que os homens existem em algum lugar além, constituindo-se num parâmetro extra-histórico e universalizante” (Matos 2001: 46). Muito embora o número de trabalhos a respeito do assunto venha crescendo nos últimos 10 anos, o foco dos Estudos de Gênero no Brasil são, preferencialmente, as mulheres. Entre as principais tendências de pesquisas relacionadas aos homens e às masculinidades, destacam-se: “[...] a construção social da masculinidade, a paternidade, os arranjos familiares [e] a chamada ‘crise da masculinidade’” (Matos 2001: 46).

As relações entre os gêneros são produzidas e legitimadas cultural e historicamente e, portanto, as configurações e práticas de masculinidades variam, pois estão vinculadas aos padrões sociais de uma determinada época. Segundo Januário (2013: 58): “A partir das questões levantadas pelo feminismo sobre o que é ser mulher, sobre gênero, ainda na perspectiva da célebre frase de Simone de Beauvoir, começou-se a compreender que os ‘homens também se tornam homens’”.

Elisabeth Badinter na apresentação da obra *XY: sobre a identidade masculina* (1993) concorda com esse ponto de vista e acrescenta: “O tornar-se masculino

Bentinho, provavelmente por ser filho único de mãe viúva, foi um garoto bastante mimado e superprotegido; quando criança, ele praticamente não teve contato com pessoas que não fossem do seu convívio familiar ou do estreito círculo de relações sociais de sua mãe. Segundo Nolasco (2001), a partir da adesão à representação do "homem de verdade", como referência para a socialização dos meninos, admite-se que, "do ponto de vista emocional, é necessário tomar uma série de cuidados em suas vidas para que quando adultos eles se transformem nestes tais homens" (Nolasco 2001: 84). Dona Glória, no entanto, não tomou esses cuidados, pelo contrário, ela fazia tudo para preservar, defender e manter junto de si seu adorado filho: "Unicamente, para que nos separássemos o mais tarde possível, fez-me aprender em casa primeiras letras, latim e doutrina, por aquele Padre Cabral, velho amigo do tio Cosme" (Assis 2010: 34).

De acordo com Badinter (1993), quanto mais longa, íntima e proporcionadora de prazer mútuo for a simbiose entre mãe e filho, maiores serão as chances de que o garoto torne-se feminino. E se a fusão entre mãe e filho não for interrompida pelo pai do menino, o efeito persistirá. Bentinho, porém, foi educado sem a presença do pai, que morreu quando ele tinha quatro anos: "a ausência do pai é mais carregada de consequências para seu filho quando este tem menos de cinco anos" (Badinter 1993: 68). O trecho a seguir é bastante significativo a respeito de sua infância e do modo como foi criado por dona Glória:

Posto que nascido na roça [...] e apesar dos costumes do tempo, eu não sabia montar, e tinha medo ao cavalo. Tio Cosme pegou em mim e escanchou-me em cima da besta. Quando me vi no alto (tinha nove anos) sozinho e desamparado, o chão lá embaixo, entrei a gritar desesperadamente: 'Mamãe! mamãe!' Ela acudiu, pálida e trêmula [...] apeou-me, afagou-me, enquanto o irmão perguntava: - Mana Glória, pois um tamanhão destes tem medo de besta mansa? - Não está acostumado. - Deve acostumar-se. Padre que seja, se for vigário na roça, é preciso que monte a cavalo; e, aqui mesmo, ainda não sendo padre, se quiser florear como os outros rapazes, e não souber, há de queixar-se de você, mana Glória (Assis 2010: 28).

Dona Glória sabia que aprender a montar era necessário para o filho, pois era costume à época, e sabia também que os garotos da mesma idade de Bentinho já praticavam a montaria com destreza; ela, entretanto, impede tio Cosme de ensiná-lo, por temer que o menino se machucasse. Bento Santiago convive com o medo, com a covardia e com a insegurança desde sua infância e, por isso, encara-os com certa naturalidade, inclusive durante a adolescência. Mas voltemos à tarde de novembro...

José Dias faz a denúncia: "Não me parece bonito que o nosso Bentinho ande metido nos cantos com a filha do Tartaruga, e esta é a dificuldade, porque se eles pegam de namoro, a senhora terá muito que lutar para separá-los" (Assis 2010: 24). Depois de alguma discussão sobre o assunto, dona Glória conclui que o melhor a fazer é mandá-lo logo ao seminário. Contudo, ela deixa-se dominar pela emoção e suas lágrimas confirmam a falta de convicção da matriarca no propósito de fazê-lo padre. Bentinho, então, pensa em aproveitar o momento para deixar o seu esconderijo: "Seguiu-se um alto silêncio, durante o qual estive a pique de entrar na

sala, mas outra força maior, outra emoção..." (Assis 2010: 25). Falta-lhe coragem e autocontrole para entrar na sala e aproveitar o momento de indecisão de sua mãe para dizer a ela que não queria ser padre; ele, então, foge para a varanda com suas emoções, sem ser notado pelos familiares.

Bentinho, nesse momento, estava dominado pela emoção, sentia-se: "tonto, atordoado, as pernas bambas, o coração parecendo querer sair [-me] pela boca fora"; tudo isso em razão da descoberta que acabara de fazer: "Com que então eu amava Capitu, e Capitu a mim?" (Assis 2010: 35). Uma das características mais tradicionais da masculinidade é a negação, ou mesmo, a ausência de sensibilidade no homem. Eles são ensinados desde pequenos a controlar suas emoções e a dissimular ou ocultar seus sentimentos.

De acordo com Grossi (2004: 23): "Os sentimentos, assim como todos os comportamentos humanos, não são naturais, eles são aprendidos em nosso processo de socialização". As emoções são culturalmente determinadas e, sobretudo no sistema patriarcal, elas estão atreladas à feminilidade. Qualquer homem que demonstre uma sensibilidade um pouco mais acentuada é, imediatamente, associado ao feminino.

A denúncia feita por José Dias desestabilizou a vida de Bentinho. Ele sabia, desde pequeno, da promessa feita pela mãe, mas julgou que ela tivesse esquecido ou mudado de ideia: "Ultimamente não me falavam já do seminário, a tal ponto que eu supunha ser negócio findo. Quinze anos, não havendo vocação, pediam antes o seminário do mundo que o de S. José" (Assis 2010: 35). No mesmo momento em que o jovem descobre-se apaixonado por Capitu, descobre também que sua mãe não desistiu da promessa de fazê-lo padre: "Em todo caso, vai sendo tempo [...]. Vou tratar de metê-lo no seminário quanto antes" (Assis 2010: 24). Bentinho não descobre seus sentimentos em relação à Capitu por si mesmo: a denúncia de José Dias lhe serviu de alerta e a confirmação veio quando ele viu os nomes de ambos rabiscados pela moça no muro da casa vizinha.

Essas revelações simultâneas converteram-no num turbilhão de emoções: "Eu amava Capitu! Capitu amava-me! E as minhas pernas andavam, desandavam, estacavam, trêmulas e crentes de abarcar o mundo. Esse primeiro palpitar da seiva, essa revelação da consciência a si própria, nunca mais me esqueceu" (Assis 2010: 37). A partir de então, a possibilidade de ir para o seminário tornou-se um motivo de aflição e angústia para Bentinho. Depois da descoberta de que seus sentimentos por Capitu eram também correspondidos, o jovem casal une forças para encontrar uma solução para o problema e libertá-lo da promessa feita pela mãe.

Mas é Capitu quem tem as ideias; é ela quem faz as reflexões, analisa a situação e pondera os prós e os contras. Bentinho, enquanto isso, come cocadas: "Vi que, em meio a crise, eu conservava um canto para as cocadas, o que tanto pode ser perfeição como imperfeição [...]. a minha amiga, apesar de equilibrada e lúcida, não quis saber de doce, e gostava muito de doce" (Assis 2010: 46). Sobre esse episódio, Caldwell (2008: 63) afirma que "Santiago é, em alguns pontos, o legítimo sobrinho de tio Cosme. Quando Capitu recusa a cocada, preocupada com o futuro do casal, Santiago come duas - a sua e a dela".

Os padrões sociais de masculinidade impostos aos homens, bem como a necessidade de que eles deem provas constantes de sua "macheza" são discutidos e questionados por Badinter (1993). A autora argumenta que a virilidade não é tão

evidente e nem mesmo tão natural; ela só é alcançada depois de um longo e doloroso percurso que, muitas vezes, é marcado por etapas ou rituais violentos que variam de acordo com a cultura na qual o sujeito está inserido. A masculinidade, portanto, precisa ser adquirida, mas o custo dessa aquisição pode ser bastante alto. “O próprio homem e aqueles que o cercam têm tão pouca confiança na sua identidade sexual que lhe exigem provas de sua virilidade. ‘Prove que você é homem’ é o desafio que o ser masculino enfrenta permanentemente” (Badinter 1993: 4).

Bentinho, entretanto, não precisou enfrentar esse doloroso e extenso trajeto em busca da afirmação de sua identidade masculina. Em parte, porque, como já foi enfatizado, ele não teve figuras masculinas significativas que lhe servissem de exemplo, que lhe ensinassem a agir, pensar e a se comportar como homem ou, ainda, que cobrassem dele evidências concretas de sua virilidade. Mas, sobretudo, porque Bentinho desfrutou de um rito de passagem bastante peculiar: para ele, o beijo trocado com Capitu foi mais do que suficiente para consolidar a sua masculinidade e comprovar a sua falta de vocação para a vida sacerdotal:

[os beijos de Capitu] Sentia-os estirados, embaixo dos meus, igualmente esticados para os dela, e unindo-se uns aos outros. De repente, sem querer, sem pensar, saiu-me da boca esta palavra de orgulho: - Sou homem! [...] Quando repeti isto, pela terceira vez, pensei no seminário, mas como se pensa em perigo que passou [...]; todos os meus nervos me disseram que homens não são padres (Assis 2010: 68-69).

A falta de atitude de Bentinho é uma de suas características mais marcantes. Ele deixa sob a responsabilidade dos outros, aquilo que ele não tem coragem de fazer, como dizer a sua mãe que não quer ir para o seminário, pois não tem vocação sacerdotal. Diante disso, Capitu aconselha-o a solicitar a ajuda de José Dias: “Não lhe fale acanhado. Tudo é que você não tenha medo, mostre que há de vir a ser o dono da casa, mostre que quer e que pode. Dê-lhe bem a entender que não é favor”. Ele, inicialmente, reluta em aceitar sua sugestão, mas depois acaba concordando com a namorada: “Prometi falar a José Dias nos termos propostos” (Assis 2010: 47). Antes, porém, ele resolve pedir ajuda a prima Justina, que se recusa a intrometer-se no assunto e Bentinho arrepende-se de não ter seguido à risca o conselho de Capitu.

O sujeito masculino deve ser ativo. Essa é uma das principais concepções de masculinidade na cultura ocidental, segundo Grossi (2004). Homem e atividade estão diretamente relacionados. Nas palavras de Badinter (1993: 56): “O homem viril encarna a atividade”. Nesse sentido, homem é aquele que age, que toma providências, que chama a responsabilidade para si, que atua e produz. Bentinho, todavia, faz da passividade uma de suas principais idiossincrasias, deixando a ação sempre ao encargo de outros (ora José Dias ou Prima Justina, ora Capitu ou Escobar), enquanto a defensiva é a posição por ele adotada nas situações de conflito, como, por exemplo, quando ao conversar com sua mãe, tentou confessar-lhe que não tinha vocação para a vida sacerdotal: “Como eu buscasse contestá-la, repreendeu-me sem aspereza, mas com alguma força, e eu tornei ao filho submisso que era” (Assis 2010: 79).

[...]. Agora lembrava-me que alguns olhavam para Capitu - e tão senhor me sentia dela que era como se olhassem para mim, um simples dever de admiração e inveja. Separados um do outro pelo espaço e pelo destino, o mal aparecia-me agora, não só possível, mas certo. E a alegria de Capitu confirmava a suspeita; se ela vivia alegre é que já namorava a outro. (Assis 2010: 106).

Esse sentimento, todavia, é considerado tipicamente feminino e contraria a concepção engendrada no sistema patriarcal de "homem de verdade". A maioria dos sentimentos humanos, como destacado anteriormente, é relacionada à identidade feminina. Para se adaptarem aos parâmetros de virilidade, os homens devem renegar suas necessidades afetivas, em detrimento da racionalidade e do autocontrole. Dessa forma, os homens são, desde cedo, ensinados, ou melhor, coagidos a controlar, disfarçar ou, até mesmo, a abrirem mão de suas emoções e sentimentos para manterem intacta sua identidade masculina. Com Santiago, entretanto, isso não acontece, pelo menos durante essa fase inicial da adolescência. De acordo com Caldwell (2008: 92):

Santiago chama seu mal de 'ciúme'; e o ciúme também o carcome, a ele, seu amor, sua honestidade e generosidade - todas as suas boas qualidades. Pois Santiago tinha boas qualidades; ele estava se tornando um homem, no melhor sentido da palavra. É por isso que Capitu o ama. É por isso que sentimos a tragédia de sua queda.

O excessivo ciúme de Bentinho pode ser interpretado, ainda, como um sentimento de posse em relação à Capitu, como é possível inferir através de suas próprias palavras: "tão senhor me sentia dela que era como se olhassem para mim, um simples dever de admiração e inveja." (Assis 2010: 106). Ou seja, ele acredita que é o dono de Capitu, como se ela fosse uma escrava e ele o seu senhor. Essa perspectiva aproxima o comportamento de Santiago dos parâmetros patriarcais, mas também, confirma a instabilidade emocional e a insegurança do personagem, particularmente, no que diz respeito à namorada.

As identidades múltiplas e instáveis apresentadas por Bentinho na primeira parte da narrativa vão de encontro ao padrão de masculinidade vigente no período. Ao longo da infância e de boa parte da adolescência, ele apresenta várias características que contrariam o modelo normativo de "homem de verdade" como, por exemplo, a sensibilidade que o levava às lágrimas facilmente, a passividade diante de situações que exigiam atitude e coragem, a dificuldade de se impor, especialmente, perante a mãe, além da insegurança com relação à Capitu, que o fazia sentir ciúmes de tudo e de todos. Caldwell (2008: 21) descreve o Bentinho adolescente da seguinte maneira:

É um menino de quinze anos, dado a fantasias cotidianas [...]. Não há nada de rijo e bélico em Santiago - ele é até um pouco covarde, algumas vezes; basta-nos, para isso, observar a posição em que primeiro o encontramos, escondido atrás de uma porta. É cristão, católico, avesso a

derramamentos de sangue, o filho único de uma viúva abastada, preso á barra da saia da mãe.

A constituição identitária do Bentinho adolescente, portanto, distancia-se do estereótipo da masculinidade hegemônica patriarcal que está baseado na dominação, no poder, na coragem e na atividade, aproximando-o de um novo modelo de masculino em que o homem é mais sensível, mais afeito à sentimentalidade e à fragilidade, ou seja, possui uma identidade híbrida, mais "feminilizada" e mais próxima da concepção moderna de masculinidade. O perfil identitário de Santiago começa a sofrer as primeiras modificações a partir de sua entrada no seminário, onde ele convive com modelos de masculinidade externos ao seu núcleo familiar, em especial, Ezequiel Escobar, com quem ele constrói uma relação intensa de amizade e cumplicidade.

"Entre luz e fusco" - o percurso oscilante até Bento Santiago

"Entre luz e fusco, tudo há de ser breve como esse instante" (Assis 2010: 90). A permanência de Bentinho no seminário não foi tão breve, entretanto, a experiência foi permeada de luz e sombras. Ao despedir-se da família, para dar início à vida de seminarista, José Dias pede a ele que seja paciente e "aguente um ano; até lá tudo estará arranjado" (Assis 2010: 92). A ideia de José Dias era que dona Glória, convencida da falta de vocação do garoto, desistisse da promessa e enviasse o filho à Europa para estudar Direito. O agregado, evidentemente, pretendia acompanhá-lo na viagem.

A mãe, contudo, não se convencia e Bentinho ia ficando. O jovem, então, pressiona o agregado, durante uma das visitas que este lhe fez no seminário: "Não quero saber dos santos óleos da teologia; desejo sair daqui o mais cedo que puder, ou já..." (Assis 2010: 104). Nesse ponto da narrativa, o garoto já não demonstra sua peculiar insegurança ao pressionar José Dias para que tome providências no intuito de tirá-lo de lá; o agregado percebe essa mudança de atitude e, adotando um tom conciliador, responde: "Já, meu anjo, não pode ser; mas pode suceder que muito antes do que imaginamos" (Assis 2010: 104). Diante da insistência do garoto, José Dias acaba aquiescendo e promete que ele sairá, no máximo, em seis meses, mas Bentinho, obstinado, dá-lhe um prazo de três meses.

Se Bentinho mostrava-se mais autoritário e decidido nas conversas com José Dias o mesmo não acontecia, ainda, em relação à Capitu, que continua sendo o cérebro do casal. Depois de cinco semanas no seminário, ele encontra-se já adaptado à rotina: "acabei afeiçoando-me à vida nova. Ia alternando a casa e o seminário. Os padres gostavam de mim, os rapazes também, e Escobar mais que os rapazes e os padres" (Assis 2010: 109). Ele sente-se tão confortável com o novo ambiente que tenciona contar a Escobar, seu melhor amigo, suas "penas e esperanças"; Capitu, todavia, impede-o: "você não tem direito de contar um segredo que não é só seu, mas também meu, e eu não lhe dou licença de dizer nada a pessoa nenhuma". Sem ter argumentos para contestá-la, ele concorda: "Era justo, calei-me e obedeci" (Assis 2010: 109).

A ida para o seminário e o forçoso distanciamento de Capitu, a quem ele só podia ver nos finais de semana quando ia para a casa da mãe, contribuíram para

agravar ainda mais os ciúmes de Bentinho. As palavras ditas por José Dias em uma de suas visitas ao seminário - “Aquilo enquanto não pegar algum peralta da vizinhança que case com ela...” (Assis 2010: 105) - já haviam servido de combustível para inflamar seu ciúme e com ele a fértil imaginação de um jovem apaixonado e inseguro. Pouco tempo depois, outro episódio desperta, novamente, em Bentinho esse “sentimento cruel”. Depois de despedir-se de Escobar que tinha ido visitá-lo, ele está conversando com a namorada, embaixo de sua janela, quando avista um rapaz, à rua:

[...] a passagem de um cavaleiro, um dandy, como então dizíamos. Montava um belo cavalo alazão, firme na sela, rédea na mão esquerda, a direita à cinta, botas de verniz, figura e postura esbeltas: a cara não me era desconhecida. Tinham passado outros, e ainda outros viriam atrás; todos iam às suas namoradas. Era uso do tempo namorar a cavalo (Assis 2010: 120).

O problema foi que o dandy não passou, simplesmente, como os outros; conforme o narrador: “O cavaleiro não se contentou de ir andando, mas voltou a cabeça para o nosso lado, o lado de Capitu, e olhou para Capitu, e Capitu para ele; o cavalo andava, a cabeça do homem deixava-se ir voltando para trás” (Assis 2010: 120). Bentinho, então, sai em disparada, sem dizer uma palavra à namorada, deixa José Dias falando sozinho na sala de sua casa e corre, desesperadamente, para o quarto, onde ele atira-se à cama e se entrega aos seus devaneios: “A vontade que me dava era cravar-lhe as unhas no pescoço, enterrá-las bem, até ver-lhe sair a vida com o sangue...” (Assis 2010: 122).

Bentinho explica a reação excessiva que teve como fruto dos ciúmes de seu “coração de brasa”; esse incêndio, evidentemente, é culpa de Capitu; é a atitude dela que lhe desperta os ciúmes; Capitu que sempre foi dissimulada, interesseira... Contudo, a passagem supracitada chama atenção para outro ponto. Bento Santiago, narrador da obra, descreve, com admirável riqueza de detalhes, o dandy que passou em frente à janela de Capitu, o que leva a crer que foi ele, e não Capitu, quem olhou para o cavaleiro com tanto cuidado. Talvez, ao notar que Bentinho olhava para o rapaz com tamanho interesse, a moça tenha olhado também, buscando compreender a razão dessa intensa troca de olhares.

O olhar de Santiago para o rapaz é de inveja; inveja pela pose de cavaleiro, pelo porte esbelto, pela postura firme e pela agilidade com que ele monta seu alazão, lembrando que Bentinho tinha medo de montar. Inveja porque o dandy corresponde aos padrões masculinos da época: forte, ágil, corajoso e seguro de si. Mas seu olhar é também de insegurança com relação a si mesmo, pois sua identidade masculina é tão frágil e tão instável que o leva a duvidar que uma mulher como Capitu possa estar apaixonada por ele; Bentinho considera-se tão inferior aos outros homens que conclui que a moça só pode estar interessada em dinheiro, em posição social ou status. Ele transforma sua insegurança e seu sentimento de inferioridade em ciúme, direcionando-o a Capitu.

O cavaleiro retratado no fragmento acima pode ser considerado um dos raros exemplares de masculinidade hegemônica apresentados na obra. O modelo hegemônico é definido por Connell e Messerschmidt (2013) como a maneira mais

honrada de ser um homem. Em contrapartida, Bentinho seria um exemplo de masculinidade subordinada, ou seja, aquele grupo de homens que não faz parte do círculo de legitimidade masculina: os covardes, os filhinhos de mamãe, os efeminados e quaisquer outros tipos que não se enquadrem nos padrões normativos de virilidade. Escobar, que havia deixado Bentinho poucos momentos antes da passagem do dandy, faz parte do primeiro grupo e, portanto, podemos estender o sentimento de inferioridade e de insegurança de Santiago ao seu melhor amigo.

Os homens do convívio de Bento Santiago, até o início da adolescência, são tipos que contrariavam os padrões de virilidade da época, isto é, também fazem parte do grupo de masculinidade subordinada. Desse modo, o filho de dona Glória somente se dá conta da sua "inadequação" masculina a partir de sua entrada no seminário, onde ele relaciona-se com outros modelos de masculino, entre eles, Ezequiel Escobar. Essa constatação desencadeou uma grave crise identitária no personagem, que acarretou na malfadada cena sob a janela de Capitu. Isso justifica o fato de que Bentinho, algum tempo depois de isolar-se no quarto, estivesse sossegado, apesar de abatido e nas palavras do próprio narrador: "Na manhã seguinte não estava melhor, estava diferente" (Assis 2010: 122). Santiago, então, simula uma indisposição para faltar ao seminário e conversar com Capitu: "Podia estar zangada comigo, podia não querer-me agora e preferir o cavaleiro. Quis resolver tudo, ouvi-la e julgá-la; podia ser que tivesse defesa e explicação" (Assis 2010: 122). Embora o verbo "julgar" empregado pelo futuro advogado seja bastante significativo a respeito da sua postura com relação à situação - para Bentinho, ele é a vítima e Capitu a culpada - o verbo "preferir" parece ser contundente no que diz respeito ao seu conflito identitário. Ele não se considera digno do amor de Capitu e acha que ela poderia trocá-lo a qualquer momento por um "homem de verdade". Quando Santiago conta-lhe os motivos de sua reclusão no dia anterior, Capitu ofende-se, chora e propõe a separação; ao que ele reage: "eu acudi de pronto, peguei-lhe das mãos e beijei-as com tanta alma e calor que as senti estremecer" (Assis 2010: 122). Ou seja, antes que ela se explique ou faça sua defesa, Bentinho a absolve da culpa que ele mesmo tinha atribuído a ela. Para evitar novos equívocos como esse, a moça dispõe-se a não ir mais à janela, mas Bentinho rejeita a proposta. Capitu, então: "Consentiu em retirar a promessa, mas fez outra, e foi que, à primeira suspeita da minha parte, tudo estaria dissolvido entre nós. Aceitei a ameaça, e jurei que nunca a haveria de cumprir; era a primeira suspeita e a última" (Assis 2010: 123).

A oscilação identitária do protagonista é notória; ele procura a namorada no intuito de lhe exigir explicações, de julgá-la como ele mesmo diz, mas as lágrimas dela o comovem e ele a perdoa. Depois ele recusa a promessa de Capitu de não mais frequentar a janela para evitar esse tipo de mal entendidos, o que pode parecer absurdo, à primeira vista, mas, numa sociedade patriarcal, seria bastante concebível. Há aqui o conflito entre sua identidade híbrida - vinculada à sensibilidade, à emoção e à feminilidade - e a identidade masculina padrão - atrelada à coragem, à agressividade e ao autocontrole - que Bentinho almeja seguir, assim como a maioria dos homens.

Algum tempo depois, Bentinho resolve contar a Escobar seu segredo, contrariando os conselhos de Capitu. Ele começa dizendo que não pode ser padre, embora seja essa a vontade de sua família, ao que o amigo responde que ele tampouco pretende ordenar-se. Escobar, então, confessa que está no seminário

apenas para aproveitar a oportunidade de estudo, pois seu desejo é, na verdade, o comércio. Bentinho mostra-se surpreso com o motivo alegado pelo amigo para não seguir a carreira eclesiástica: "Só isso?" (Assis 2010: 124). Para ele, a sua motivação para deixar o seminário é mais nobre ou mais digna que a de seu colega.

De fato, Santiago vê nesse episódio uma oportunidade de afirmar sua masculinidade diante do amigo que ele julga ser superior ou, pelo menos, mais homem do que ele: "Então contei-lhe por alto o que podia, mas demoradamente para ter o gosto de repisar o assunto. Escobar escutava com interesse". Bentinho narra os detalhes de sua história com Capitu "demoradamente", com a intenção de prolongar esse momento que fez com que ele se sentisse tão viril quanto Escobar e na expectativa de que a sua própria masculinidade pudesse ser validada pelo outro. Mais adiante, ele confessa: "Não calculas o prazer que me deu a confiança que lhe fiz. Era como que uma felicidade mais" (Assis 2010: 124). Para Santiago, a revelação feita ao colega foi como uma "prova de virilidade" (Bourdieu 2014: 78).

A amizade entre Bentinho e Escobar foi ficando cada vez mais estreita: "Escobar [...] aqui no seminário você é a pessoa que mais me tem entrado no coração, e lá fora, a não ser a gente da família, não tenho propriamente um amigo" (Assis 2010: 124). De acordo com Badinter (1993), na ausência do pai ou de um homem que represente um modelo de virilidade: "os jovens machos se unem sob a fêrula de um outro, um pouco mais velho, um pouco mais forte ou um pouco mais desembaraçado, espécie de irmão mais velho, líder, que é admirado e copiado, e cuja autoridade é reconhecida" (Badinter 1993: 93). A relação fraterna entre os dois seminaristas pode ser comparada àquilo que Bourdieu (2014) denominou de "solidariedades viris", uma vez que ambos tinham interesse em conservar o vínculo. Bentinho, como já dissemos, precisava ter a sua masculinidade legitimada por outros homens e precisava ser aceito por eles; Escobar, por sua vez, tinha interesses financeiros: "Era opinião de prima Justina que ele afagara a ideia de convidar minha mãe a segundas núpcias; [...] Talvez ele não pensasse em mais que associá-la aos seus primeiros tentâmens comerciais" (Assis 2010: 147).

Após o fracasso de José Dias na missão de libertar Santiago da promessa da mãe, é Escobar quem encontra uma solução para o problema; a ideia de substituir o filho por um menino órfão, que seria financiado por ela, foi bem aceita por dona Glória, depois que o padre Cabral consultou o bispo sobre o assunto. Dessa maneira, Bentinho pôde, enfim, deixar o seminário, quando contava pouco mais de dezessete anos: "a idade em que a metade do homem e a metade do menino formam um só curioso" (Assis 2010: 146).

Essa ambivalência homem/menino em Bento Santiago tem ainda outro agravante; como ele mesmo afirma: ele era filho de dona Glória e do seminário, isto é, além de ser um garoto mimado, criado sob as asas da mamãe e sem referenciais masculinos representativos, ele carregava consigo também os valores religiosos e espirituais apreendidos durante a vida de seminarista. Esse quadro vai intensificar, ainda mais, sua crise identitária.

"É tempo" - a construção da identidade masculina de Bento Santiago

Depois de deixar o seminário, Bentinho vai para a faculdade em São Paulo: "Passei os dezoito anos, os dezenove, os vinte, os vinte e um; aos vinte e dois era

bacharel de Direito” (Assis 2010: 147). Esse período foi determinante para a constituição identitária do personagem, pois é quando ele rompe o cordão umbilical que o prendia à mãe e, também, os laços que o atrelavam ao clã social de dona Glória. Badinter (1993) destaca a importância desse processo de distanciamento na formação identitária dos meninos:

O caráter peculiar da identidade masculina (por oposição à identidade feminina) está na etapa da diferenciação com respeito ao feminino materno, condição *sine qua non* do sentimento de pertencer ao grupo dos homens. Sua semelhança e sua solidariedade se constroem colocando as mulheres a distância, e antes de tudo a primeira delas, a mãe (Badinter 1993: 53).

Ao voltar para casa, já bacharel em Direito, o doutor Bento Santiago, como ele passa a ser chamado pelos familiares, recebe, simbolicamente, o posto de patriarca da família Santiago, que estava ocupado por sua mãe, desde que seu pai falecera. Metaforicamente, é como se dona Glória dissesse ao filho que a partir desse momento ele é um homem e deve ocupar o lugar de seu falecido pai como chefe da família.

Depois de ser recepcionado pelos familiares, no regresso ao lar, Bento Santiago reflete, ou melhor, sonha acordado com seu futuro: “desfazendo a mala e tirando a carta de bacharel de dentro da lata, ia pensando na felicidade e na glória. Via o casamento e a carreira ilustre, enquanto José Dias me ajudava calado e zeloso” (Assis 2010: 148). O casamento e uma carreira profissional bem sucedida funcionam como indicadores da masculinidade e servem também para confirmar ou validar a identidade masculina perante a sociedade. Para Nolasco (1995: 50): “O trabalho e o desempenho sexual funcionam como as principais referências para a construção do modelo de comportamento dos homens. [...] os meninos crescem assimilando a ideia de que, com o trabalho, serão reconhecidos como homens”.

Poucas semanas depois do seu retorno ao Rio de Janeiro, Bento Santiago vai pedir licença à dona Glória para se casar com Capitu; a mãe consente e, em março de 1865, quase oito anos depois daquela “célebre tarde de novembro”, eles oficializam a união. A celebração do casamento é descrita, brevemente, pelo narrador sem maiores detalhes. Ele utiliza uma linguagem figurada, mesclando sonho e realidade, para tentar relatar ao leitor esse momento tão esperado e de intensa felicidade para ambos.

Somente os planos de casamento e trabalho, contudo, não foram suficientes para que o doutor Bento Santiago conseguisse manter estável sua identidade masculina. Isso porque novas demandas iam surgindo: “Tudo corria bem. Ao fim de dois anos de casado, salvo o desgosto grande de não ter um filho, tudo corria bem” (Assis 2010: 153). No que se refere a sua vida profissional: ele “era advogado de algumas casas ricas, e os processos vinham chegando”. Entretanto, para que isso acontecesse ele precisou de ajuda, ainda no início de sua carreira: “Escobar contribuíra muito para as minhas estreias no foro. Interveio com um advogado célebre para que me admitisse à sua banca, e arranjou-me algumas procações” (Assis 2010: 153). Escobar, apesar de não ter posses e nem sobrenome como Santiago, conseguiu construir uma carreira de sucesso negociando café. Quando Bentinho

Os homens crescem sendo incentivados a *enganar* uma mulher, bem como desenvolvem atitudes agressivas de modo a evitar o inverso: ser *enganado* por elas. A predisposição para os dois comportamentos aponta novamente para o que representa uma mulher para um homem - um *objeto temido* [...]. Se ao trair os homens se sentem engrandecidos, quando traídos sentem-se esvaziados e sem controle. A mulher não representa simplesmente um objeto descartável, mas um objeto com significado, que mobiliza os homens tanto positiva quanto negativamente.

Capitu tornou-se um “objeto temido” para Santiago desde o momento em que José Dias fez aquela malfadada descrição de seus olhos. E a desconfiança trouxe à tona o seu pior lado: a crueldade, a frieza, o ódio, o seu lado mais viril. A insegurança que já lhe era inerente, agravou-se a cada um dos acontecimentos de sua vida. A paixão por Capitu que despertara nele os ciúmes (prova maior de sua insegurança); a ida para o seminário que fez nascer nele o medo de ficar longe de Capitu; a amizade com Escobar que despertou em Santiago a necessidade de competir para equiparar-se aos outros homens e a demora em ter um filho que elevou ainda mais esse sentimento; as dessemelhanças de Ezequiel e suas imitações que fizeram com que se sentisse inferior à Escobar; e, por fim, a suspeita da traição que abriu espaço para que Dom Casmurro emergisse e sufocasse o pouco que restava de Bento Santiago e o quase nada que ainda existia de Bentinho dentro dele.

Dom Casmurro é a face de Bento Santiago que mais se aproxima do modelo hegemônico de masculinidade. A crueldade, a frieza e o ódio que ele demonstra não existiam em Bentinho e pouco aparecem em Bento Santiago. A atitude, a ação, o poder de decisão também não haviam se manifestado anteriormente. Enquanto o menino Bentinho desconstruiu o modelo normativo de masculinidade e Bento Santiago oscilou entre um e outro, Dom Casmurro posiciona-se mais próximo do modelo viril e patriarcal preconizado pela sociedade da época.

“E bem, e o resto?” Considerações finais

A intenção de Dom Casmurro ao escrever sua história era: “atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência” (Assis 2010: 22). Ele, porém, não obtém êxito nessa tarefa, pois já não era mais aquele mesmo Bentinho de sua infância e adolescência e, nem mesmo, aquele jovem Bento Santiago que se casou com Capitu. Suas antigas identidades foram, aos poucos, modificando-se e cedendo espaço a novas e diferentes identidades. O próprio narrador, frustradamente, admite: “não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo” (Assis 2010: 22).

O principal culpado pela existência dessa lacuna, isto é, pela transformação de Bentinho em Casmurro, na opinião de Caldwell (2008), é o ciúme de Santiago, o objeto real desse ciúme, no entanto, não seria Capitu, como o narrador tenta, incansavelmente, demonstrar ao longo da obra, mas sim Escobar. Para a autora, as dúvidas de Santiago, que são muitas, não estão relacionadas a nenhum fator externo

a ele, ou seja, o problema não é Capitu ou Escobar, "suas dúvidas são, na verdade, uma – dúvida de sua capacidade de amar" (Caldwell 2008: 124). Concordamos com o ponto de vista da autora, mas acreditamos que o cerne da questão, antes de sua capacidade de amar, é sua instabilidade identitária. Na sua fase Bentinho, o personagem possuía essa capacidade. Conforme enfatizamos nesse trabalho, ele foi um garoto sensível e que se deixava dominar pelas emoções com facilidade. É na vida adulta que essa faculdade começa a declinar. Depois de conviver com modelos de masculinidade mais próximos do padrão normativo da época e perceber que ele não se enquadra, tem início sua crise de identidade. E é essa crise que vai transformá-lo em Casmurro. Sua tentativa de se aproximar do estereótipo do "verdadeiro homem", cujo principal parâmetro é Escobar, levam-no, aos poucos, a assumir características mais condizentes com o perfil masculino que ele almeja seguir, deixando de lado aquelas que são comumente associadas ao feminino, como a sensibilidade, a docilidade e a bondade que lhe eram tão peculiares no início da narrativa.

Durante a adolescência, Bentinho apresentava diversas características que contrariavam o padrão normativo de homem patriarcal como, por exemplo, a falta de racionalidade que o tornavam excessivamente sensível e emotivo, a passividade diante de situações que exigiam atitude e coragem, a dificuldade de se impor, em especial, perante a mãe, além de sua insegurança com relação à Capitu, que o levavam a sentir ciúmes de tudo e de todos. Esse perfil identitário do Santiago adolescente contraria o modelo hegemônico e aproxima-o do "homem reconciliado" conceituado por Badinter (1993), aquele homem que consegue reconciliar X e Y, isto é, suas heranças materna e paterna. Em outras palavras, um homem que sabe mesclar aquelas características ditas femininas, mas que também são necessárias para ele, com sua identidade masculina. O resultado é uma identidade híbrida, que gera um homem mais sensível ou feminilizado.

Esse perfil identitário começa a se desestabilizar a partir do momento em que Bentinho convive com outros modelos de masculino, ou seja, quando ele deixa a casa da mãe e vai para o seminário. Sua inadequação ao padrão hegemônico é percebida aos poucos e atinge seu ápice quando ele vai para São Paulo. Ao retornar para o Rio de Janeiro e se casar com Capitu, ele já tem plena consciência de sua inferioridade em relação aos outros homens; ele, então, inicia sua luta para conseguir equiparar-se, tendo sempre como parâmetro seu modelo mais próximo, Escobar. Seu sentimento de inveja em relação ao amigo leva-o a estabelecer uma competição velada entre eles.

A morte de Escobar poderia ter servido como uma declaração de vitória ou, pelo menos, de libertação para Bento Santiago, mas não é o que acontece. A tragédia do amigo acentua seu sentimento de inferioridade e ele acredita não ser digno do amor de Capitu. Ele desloca, então, para a esposa e para o filho a raiva que sente por não ser um homem como Escobar: forte, corajoso, inteligente, enfim, o modelo hegemônico do sistema patriarcal. E esse foi o seu maior erro, abdicar do amor de Capitu e do filho, em favor de uma árdua busca para ser aceito no grupo dos "verdadeiros homens".

Bento Santiago pode ser compreendido como um sujeito moderno, uma vez que possui identidades múltiplas, instáveis e fragmentadas, conforme assevera Hall (2001), e que enfrenta uma crise identitária, nos mesmos moldes que o conflito vivido pelos homens a partir da segunda metade do século XX. De acordo com Badinter

(1993) os homens precisam compreender que o ideal viril pode custar muito caro e precisam perceber, ainda, que existe outro modelo viril que deixa espaço para a vulnerabilidade, para as emoções, para a insegurança, enfim, eles precisam aprender a resolver seus conflitos de forma não violenta. Bento Santiago, contudo, preferiu pagar o preço pela sua identidade masculina e abriu mão de sua felicidade, mas ele não foi o único; Capitu e Ezequiel também pagaram essa conta e com juros.

Levando em consideração que as masculinidades são socialmente construídas, reafirmamos aqui que a transformação de Bentinho em Casmurro foi uma longa metamorfose identitária e que, portanto, Dom Casmurro não estava contido em Bentinho "como a fruta dentro da casca". Bento Santiago instaura um processo de obliteração de sua identidade masculina primária construída no seu contexto familiar e inicia a "fabricação" de masculinidades que estivessem em harmonia com o estereótipo masculino. Esse procedimento, entretanto, é longo e doloroso, não somente para ele, mas para as pessoas que convivem com ele e assistem impotentes à transfiguração.

A respeito da pergunta que dá título ao presente artigo, "O menino é o pai do homem?", respondemos de modo afirmativo; Bentinho é o pai do Casmurro porque foram suas dúvidas, sua instabilidade e sua suscetibilidade que abriram espaço para que o Casmurro surgisse e se desenvolvesse. Podemos dizer que Dom Casmurro tenta, de várias formas, desprezar ou, mesmo, suprimir a identidade masculina inicial de Bentinho; ou, ainda, como afirma Caldwell (2008), Casmurro matou Bentinho, espiritualmente, e modificou Bento Santiago com o seu veneno. As próprias palavras do personagem, quase ao final da narrativa, confirmam isso: "logo que minha mãe morreu, querendo ir para lá, fiz primeiro uma longa visita de inspeção por alguns dias, e toda a casa me desconheceu. [...] Corri os olhos pelo ar, buscando algum pensamento que ali deixasse, e não achei nenhum" (Assis 2010: 196). A casa de Matacavalos não o reconheceu, nem seus pensamentos lá estavam, porque não foi o Casmurro quem lá viveu, mas sim Bentinho que já não existe. Podemos entender que "casa" é uma metáfora para o clã de dona Glória e, assim, caso estivessem vivos, nem mesmo seus familiares o reconheceriam.

Ao concluir sua narrativa, finalmente, o processo de transformação está completo e Bento Santiago assume, definitivamente, a identidade de Casmurro. Para o personagem, contudo, essa metamorfose foi uma consequência dos tristes acontecimentos que marcaram sua trajetória de vida: "a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... A terra lhes seja leve!" (Assis 2010: 200). O adultério, seja ele real ou não, não foi um acontecimento determinante para a metamorfose de Bentinho em Casmurro, pois o que importa nesse ardid é a impossibilidade desse homem "viver" sua sensibilidade frente às imposições geradas no seio de uma sociedade que exige do homem atributos ligados à força e à virilidade, ou seja, o padrão de masculinidade hegemônica.

IS THE BOY THE FATHER OF THE MAN? FROM BENTINHO TO CASMURRO: SLIPPERY MASCULINITIES

Abstract: The work brings out the timely debate on the formation of masculine identity and masculinities that comprise it. To that end, we turn to the analysis of

identity construction of Bento Santiago, Dom Casmurro character in the book, written by Machado de Assis. Our work will focus on building these masculinities, as well as the identity fluctuations faced by the character during the long process of metamorphosis that transformed Bento on Dom Casmurro.

Key-words: Masculinities; Male Identity; *Dom Casmurro*; Machado de Assis.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 9 ed. São Paulo: Martin Claret, 2010.

BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2014.

CALDWELL, Helen. *O Oteló brasileiro de Machado de Assis: um estudo de Dom Casmurro*. 2 ed. Trad. Fábio Fonseca de Melo. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

CANCELIER, Natália Lobar. Mundos diversificados em Bentinho e Dom Casmurro. *Travessia*, Florianópolis, n. 19, p. 125-137, 1989. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17352/15920>>. Acesso em: 24 jul. 2014.

CONNEL, Robert William. Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez 1995. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1224>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

_____. La organización social de la masculinidad. In: VALDES, Teresa; OLAVARRÍA, José (org.). *Masculinidad/es: poder y crisis*. Santiago: ISIS-FLACSO: Ediciones de las Mujeres, 1997. p. 31-48. Disponível em: <http://www.lazoblanco.org/wpcontent/uploads/2013/08manual/bibliog/material_masculinidades_0312.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2015.

CONNELL, Robert William; MESSERSCHMIDT, James William. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, mai. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>>. Acesso em: 18 set. 2014.

GIFFIN, Karen. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 47-57, jan./mar. 2005. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000100011>. Acesso em: 11 jul. 2014.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. *Antropologia em primeira mão*, Florianópolis, n. 75, p. 1-37, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1265/masculinidades.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

JANUÁRIO, Soraya Maria Bernardino Barreto. De homem para homem: cultura, imagem e representações masculinas na Publicidade. *Revista de estudios para el desarrollo social de la comunicación*, Brasília - Sevilla, n. 9, p. 387-428, abr. 2014. Disponível em: <<http://revista-redes.hospedagemdesites.ws/index.php/revista-redes/article/view/284>>. Acesso em: 09 jul. 2015.

_____. *Género e Media: estereótipos das masculinidades na publicidade das revistas masculinas em Portugal*. 2013. 367 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. 2013.

KIMMEL, Michael Scott. Homofobia, temor, vergüenza y silencio en la identidad masculina. In: VALDES, Teresa; OLAVARRÍA, José (org.). *Masculinidad/es: poder y crisis*. Santiago: ISIS-FLACSO: Ediciones de las Mujeres, 1997, p. 49-62. Disponível em: <http://www.lazoblanco.org/wpcontent/uploads/2013/08manual/bibliog/material_masculinidades_0312.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2015.

NOLASCO, Sócrates Alvares. *O mito da masculinidade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

_____. *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

SCHWARZ, Roberto. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ARTIGO RECEBIDO EM 26/01/2016 E APROVADO EM 25/03/2016

